

BELEZA

Walther Moreira Santos



EU SOU CARPINTEIRO porque meu pai é carpinteiro, porque o pai dele foi carpinteiro, e o pai do meu pai também. A vida aqui é triste, dura e árida como a areia do deserto; porém boa. Trabalho e comida não faltam. Fazíamos arcas, cangas; hoje, talhamos cruzes. Os romanos não param de crucificar. Crucificaram Zebedeu, acusado de roubar; crucificaram Martha, acusada de feitiçaria. (O ventre amaldiçoado de Martha só gerava fêmeas.) Ontem, crucificaram um hebreu sobre o qual não pesava nenhum crime, falta ou pecado. Um que se dizia o Messias. Falam que também era carpinteiro, o mesmo ofício que o nosso. Eu gostaria de saber que tipo de arte ele entalhava. Se, ao contrário da maioria de nós, fabricava algo além de cruzes.

Meu pai cospe no chão, um messias carpinteiro? Mas será o fim dos tempos?!

Nisso ele não acredita. Não se crucifica um messias, eu penso. E se o pobre homem não era o enviado de Deus, por que condená-lo a tal agonia? Os romanos têm uma lógica perversa. Em caso de dúvida: lá vêm os pregos. Os romanos mandam crucificar homens, mulheres e crianças. Voltando da carpintaria, certa vez, pude ver toda uma família crucificada. Geralmente os mais pobres, os judeus ou alguém com o infortúnio de possuir um inimigo poderoso.

Meu pai cospe no chão, agora crucificam carpinteiros!

Mas será o fim dos tempos?

Quanto aos romanos, comem, vomitam, fornicam e vão encomendando cruzes. Apesar dos pesados impostos, prosperamos. Pode-

se notar que meu pai, um homem que nunca sorriu, apesar do “fim dos tempos”, está satisfeito. Os romanos só não mandam para a cruz seus escravos, o mais sensato é revendê-los no mercado ou para as minas de cobre. Quando um dos seus escravos comete um crime, rapidamente eles o imputam ao primeiro que passa pela rua. (Os romanos têm horror ao prejuízo.) Segue-se então um julgamento sumário, ao qual o povo assiste com visível prazer e excitação, tomando partido ora dos acusadores, ora dos acusados. Por aqui, a Justiça não pode mais que a sombra de uma mosca.

Meu pai cospe no chão, não há gentalha pior na face da Terra que os romanos! Quem tem boca vaia Roma!

Sou carpinteiro. Meu filho será carpinteiro. Perdi a arte da arca, perdi a arte da canga. Meu filho será apenas um entalhador de cruzeiros. Nos dias de hoje, lavar a madeira é como provar, a todo o momento, um vinho amargo e triste – que mãos haverão de apreciar o talhe preciso de uma cruz? As mãos dos suplicados? Nosso suor, nossa honra e nossa arte foram reduzidos ao que há de mais baixo em nosso ofício.

“O pequeno não leva jeito com as ferramentas”, diz meu pai. “Vai acabar como soldado de César, é o fim dos tempos!”

O menino machuca a mão e chora. “Tenta outra vez”, ordeno. “Enxuga o choro”, eu digo. E vejo que comecei a cuspir no chão. Exatamente como meu pai. O pequeno atira o formão ao chão. “Tome isto!”, dou-lhe uma bofetada. Ele corre para a campina.

“Onde já se viu criança desrespeitar os mais velhos desse jeito?” pergunta-se meu pai. Olho o vulto desaparecer por entre a poeira: um desenho livre. E sorrio (por dentro) como meu pai deve ter sorrido comigo um dia.

Meu pai cospe no chão, que fedor!

A cidade fede horrivelmente devido a putrefação dos corpos dependurados e contamos com a morte para que a vida nos traga suas maiores benesses; mas não é uma beleza o modo como nossas bolsas estão cheias e nossa mesa farta?

Walther Moreira Santos

Autor de *Um certo rumor de asas* (romance, Prêmio Casa de Cultura Mário Quintana e Fundação Cultural da Bahia); *Helena Gold* (novela, finalista Prêmio Portugal Telecom); *O ciclista* (romance, Prêmio José Mindlin, Prêmio Cidadão de Curitiba e um dos 10 melhores livros de 2008 pelo Prêmio São Paulo de Literatura); entre outros.